

**Notas e informações****A subversão e o poder**

Certas frases proferidas pelo presidente José Sarney suscitam, por sua ambigüidade, dúvida ou até mesmo apreensão em quem as lê ou as ouve. Uma delas, dita seguidas vezes no contexto da discussão do problema da negociação da dívida externa, parece avisar que o Brasil não é um risco econômico, mas sim um risco político. Como se repetisse a afirmação de velho político populista, de que há coisas no ar diferentes dos aviões comerciais. Outra, pronunciada ainda na semana passada, quando da visita presidencial ao Instituto dos Advogados do Brasil, aponta no mesmo sentido: "Esta é a hora da esperança e do perigo". Se a essa advertência solene somar-se uma terceira frase proferida na mesma ocasião, chegar-se-á a supor que a conspiração voltou a ser a tônica da vida nacional: "A subversão mais grave é a que se instala no centro do Poder". Temos, pois, repetida diversas vezes e em contextos diferentes e não relacionados, a afirmação de que existe, bem visível no futuro, um grave risco político, isto é, o perigo de uma crise institucional. Esse perigo, deduz-se, pode ter sua origem no "centro do Poder". Nada disso parece visível. Será que o país em que vivemos é diferente daquele governado pelo presidente José Sarney?

Ora, como o País é o mesmo e como não se tem notícia de nenhuma agitação social tendente a criar esse risco político a que se refere o presidente — exceto as crises provocadas pelas carências das populações urbanas e rurais —, pode concluir-se, com tranqüilidade, que o perigo político que a todos nós ameaça vem da subversão que se está instalando no centro do Poder. Se esse é o pensamento profundo do presidente, é preciso admitir que ele corresponde aos fatos.

Não é de hoje que afirmamos essa nossa impressão de que alguma coisa de errado se passa na ilha da fantasia, além de repetir a quase certeza de que na casamata em que se transformou o Palácio do Planalto se refugiaram os últimos defensores do Estado de Direito, única forma de Estado que — como disse no IAB o chefe de Governo — "pode manter de pé, e invioláveis, as sociedades nacionais". A casamata é o último refúgio de um punhado de bravos que lutam contra a infiltração das esquerdas (mo-

deradas no tom, audazes na ação, como o provou a *batalha de Londrina*), a predominância da oligarquia (demonstrada na decisão a respeito dos cortes nas estatais) e a incompetência das lideranças do governo no Congresso (comprovada no dia-a-dia das sessões legislativas). Isso para não falar na defesa a que se lançam o chefe do governo e alguns de seus auxiliares contra os assaltos daqueles que parecem não se dar conta dessa verdade quase acadiana: "Para que os Estados durem e cumpram a sua finalidade essencial — que é manter a sociedade nacional coesa, fomentar sua prosperidade, impor a justiça social e tornar-se invulnerável às agressões externas, abertas ou veladas, militares ou econômicas —, é indispensável que os seus administradores devam aos textos legais acatamento sagrado". São palavras do presidente, bem como outras de igual teor: "Sem embargo, as nações não podem viver no vazio jurídico e, enquanto outro diploma não substituir a atual Constituição, dela serei servo. A seus dispositivos devo subordinar minha consciência política e as decisões de governo".

Afinal de contas, chefe de Governo algum sai por aí dizendo que o pior tipo de subversão é o que se instala no centro do Poder, e que o país que administra oferece sério risco político; que a hora que se atravessa é de perigo e é dever do governo cumprir a lei e ser servo da Constituição. O chefe de Estado só afirma coisas dessa gravidade se tiver detectado, *no centro do Poder*, a presença de forças centrífugas de intensidade suficiente para perturbar o período de transição para o Estado de Direito. Essas forças, aliás, todos sabem que existem. Vale a pena enumerá-las? Algumas: o ministro do Trabalho, que cumpre a lei quando bem lhe parece; o ministro da Reforma e Desenvolvimento Agrário, que com seus auxiliares do Incra subverte de cima para baixo o sistema produtivo agrário; o ministro-chefe da Sepplan, que é o braço direito da oligarquia no Planalto e, pois, contribui para desestabilizar o setor privado da economia, na medida em que é a livre iniciativa que deverá pagar a conta dos gastos das empresas estatais. Isso para não mencionar o segundo escalão, nem o terceiro, onde os adversários do Estado de Direito, os defensores da heterodoxia no exercício do sagrado dever de cumprir a lei se

estão instalando mercê da partilha do Estado entre os vencedores (?) no colégio eleitoral; nem para mencionar os governadores dos Estados, que permitem que as greves se realizem ao deus-dará, ou que a insegurança tome conta da população, ou que as finanças públicas andem mal.

Com certeza, a sabedoria política acumulada do presidente José Sarney levou-o a preferir o caminho tortuoso das alusões ao direto das denúncias e demissões, num momento particularmente difícil para a sustentação de uma coerente política de governo no Congresso. A questão, porém, é que, enquanto s. exa. faz advertências — que ou são para merecer crédito ou lembram as ridículas "advertências sérias" da China de Mao Tsé-tung aos Estados Unidos nos anos 50 —, os subversivos vão tomando conta do centro do Poder, as leis vão sendo descumpridas, o vazio jurídico se vai instalando e dentro em breve não haverá mais condições de fazer que os trabalhos da Constituinte tenham início e transcorram em clima de harmonia e ordem.

Quando o presidente da República reitera que o Brasil corre riscos políticos e afirma que esta é a hora da esperança e do perigo, não estará dirigindo patético apelo às forças liberais que existem na sociedade brasileira, pedindo-lhes que lhe dêem o apoio de que necessita para vencer "a subversão mais grave (...), a que se instala no centro do Poder"? Se assim é, s. exa. deve dar sinais mais claros de que comunga com o credo liberal e afastar as nuvens que pesam sobre todo o sistema produtivo desde que se instalou a disputa entre Sayad e Dornelles e desde que se anunciou o I Plano Nacional de Reforma Agrária. Nuvens que se converteram na primeira grande pancada de chuva, que abalou a confiança no Executivo, com a vitória das estatais na questão dos cortes e a retirada dos subversivos na *batalha de Londrina*. Sem esses sinais de confiança nos liberais, o presidente ficará prisioneiro eterno na casamata do Planalto.

Se nossa interpretação das palavras do presidente da República não for a correta, só caberia outra: o chefe de Governo se compraz em espalhar a intranqüilidade por todo o País. O que é a pior forma de subversão.